

Da BNCC para o livro didático de português do Ensino Médio: concepções de língua, texto e gêneros discursivos

From CNCB to the portuguese textbook for high school: conceptions of language, text and speech genres

Valéria Rios Oliveira Alves¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar as concepções de língua, texto e gêneros discursivos/textuais presentes em um livro didático de português, cotejando-as com as prescrições da BNCC do Ensino Médio para o ensino de língua. Quanto à metodologia, a pesquisa se caracteriza como qualitativa de viés interpretativista, classificada, quanto aos seus objetivos, como descritiva e, de acordo com os procedimentos, como pesquisa bibliográfica e documental. O corpus do estudo constitui-se do manual do professor da obra didática “Se liga nas linguagens” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020). Fundamentamos nossas análises nos estudos de Bakhtin (2003), Bronckart (2003, 1999), Marcuschi (2008), entre outros autores. As breves análises empreendidas neste trabalho demonstraram que as concepções convocadas na BNCC encontram inspiração principalmente na visão enunciativo-discursiva de língua e linguagem (Bakhtin), influenciando diretamente a proposição dos materiais didáticos, nos quais reverberam tal visão de língua que dialoga com uma perspectiva sociointeracionista de ensino.

Palavras-chave: BNCC; livro didático; ensino de língua portuguesa.

Abstract: This article aims to analyze the conceptions of language, text and discursive/textual genres present in a Portuguese textbook. In addition, these conceptions will be compared to the requirements of the CNCB (Common National Curriculum Base) of High School for language teaching. The methodology of the research is characterized as qualitative with an interpretive bias. It is classified, in terms of its objectives as descriptive and, according to the procedures, as bibliographic and documentary research. The corpus is consisted by the study of the teacher’s manual of the didactic work “*Se liga nas Linguagens*” (ORUMNDO; SINISCALCHI, 2020). Our analyzes are based on studies and analysis made by Bakhtin (2003), Bronckart (2003, 1999), Marcuschi (2008), among other authors. The brief analyzes carried out in this work showed that the conceptions summoned in the CNCB find inspiration mainly in the enunciative-discursive vision of language approached by Bakhtin. Moreover, this concept is directly influencing the proposition of the didactic materials. Thus, this vision of language reverberates with a socio-interactionist perspective education.

¹ Mestre em Estudos Linguísticos. Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SC-BA). E-mail: valerieletras@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9662-2936>

Keywords: CNCB; Textbook; Portuguese Language Teaching.

Considerações iniciais

Este artigo consiste em um exercício de reflexão resultante das discussões do Componente Tópicos de Textualidade e Discurso, ministrado pela professora Doutora Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, no semestre 2022.1. Tais discussões possibilitaram uma visão panorâmica dos principais teóricos que fundamentaram as mais importantes concepções de texto, de gêneros discursivos/textuais e de discurso construídas ao longo século XX, e provocaram a proposição de diferentes pesquisas, partindo da análise de diferentes objetos de investigação.

Este trabalho objetiva, então, apresentar uma discussão teórica e uma análise documental sobre as concepções de língua, texto e de gêneros discursivos/textuais presentes na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e suas reverberações na obra didática “Se liga nas linguagens”, aprovada na edição do PNLD 2021 para o Ensino Médio e adotada em várias escolas públicas brasileiras. Para isso, fundamentamos nossas reflexões e análises nos postulados de Bakhtin (2003), Bronckart (2003, 1999), Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e Marcuschi (2008), entre outros autores que discutem o ensino de língua.

A partir do confronto entre as diferentes perspectivas estudadas no componente, e, buscando relacioná-las à minha prática enquanto professora de Língua Portuguesa no Ensino Médio, interessou-me investigar as concepções de língua, texto e gêneros discursivos/textuais presentes na obra didática “Se liga nas linguagens”, e o modo como tais concepções se relacionam àquelas presentes na BNCC do ensino Médio para o ensino de Língua Portuguesa.

Para isso, delimitou-se como objetivo geral deste trabalho analisar as concepções de língua, texto e gêneros discursivos/textuais da obra didática em foco, cotejando-as com as prescrições da BNCC para o ensino de língua. Como objetivos específicos, buscou-se: a) identificar as concepções de língua, texto e gêneros defendida pelos autores no

manual do professor da coleção didática em análise; b) cotejar as concepções presentes no material didático analisado com as concepções apresentadas no atual documento normativo orientador para o ensino de Língua Portuguesa, a BNCC do Ensino Médio.

Quanto à metodologia, a pesquisa se caracteriza como qualitativa de viés interpretativista, classificada, quanto aos seus objetivos, como descritiva e, de acordo com os procedimentos, como pesquisa bibliográfica e documental (MOREIRA; CALEFFE, 2008). O corpus do estudo constitui-se do manual do professor da obra didática “Se liga nas linguagens”, obra específica do componente Língua Portuguesa em volume único para o Ensino Médio, publicada pela Editora Moderna de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi.

A proposta de trabalho ora apresentada se justifica pela necessidade constante de analisar criticamente os documentos prescritivos, os objetos de estudo e as ferramentas de ensino adotadas nas escolas públicas. No caso do estudo proposto, está em foco uma obra didática, aprovada no último PNLD 2021 para o Ensino Médio, programa que sofreu várias mudanças em virtude da proposição da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), entre estas, a distribuição de livros didáticos organizados por área do conhecimento, além dos tradicionais livros específicos dos componentes curriculares.

Sendo o texto e os gêneros discursivos/textuais objetos de ensino privilegiados no ensino de língua, inclusive nas prescrições da BNCC, torna-se relevante pensar a concepção de tais objetos com vistas a fomentar reflexões teórico-práticas que ajudem o professor a compreender tanto as prescrições que orientam seu trabalho docente, quanto os materiais didáticos postos à sua disposição para a efetivação do ensino de língua em sala de aula.

Para fins de organização, o artigo está dividido em quatro seções, sendo a primeira constituída destas considerações iniciais em que se buscou apresentar os objetivos, metodologia e justificativa da pesquisa; a segunda seção constituída das discussões teóricas pertinentes à discussão proposta; a terceira, na qual se pretendeu analisar a obra didática “Se liga nas linguagens” quanto às concepções de língua, texto e gêneros discursivos/textuais adotadas, cotejando-as com as defendidas na BNCC do Ensino Médio; e a quarta seção, onde se apresentam as considerações finais.

Noções de língua, texto e gêneros discursivos/textuais: breve histórico

Tomar-se, hoje, o texto como objeto de ensino pode parecer inquestionável quando nos referimos ao ensino de língua portuguesa nas escolas. No entanto, é necessário reconhecer que esse caminho foi sendo consolidado ao longo dos anos, a partir do aprofundamento de estudos em diversos campos do saber, que modificou substancialmente as concepções de língua/linguagem e, por conseguinte, transformou os objetos de ensino tomados na aula de português.

Para Bezerra (2010), o conjunto dos conteúdos de língua portuguesa selecionados para o trabalho pedagógico em sala de aula sofreu e sofre mudanças no decorrer dos tempos, de acordo com as perspectivas teóricas em curso, sugeridas pelas pesquisas mais influentes de cada época. Sabemos, por exemplo, que antes de tomar o texto como objeto de análise, de estudo e de ensino, a Linguística registra em seu histórico de pesquisas outras unidades de análise, como a palavra e a frase, o que por muitos anos influenciou a prática dos professores e a escolha dos conteúdos a ensinar.

Sabe-se que, durante longos anos, as pesquisas linguísticas estiveram fortemente inspiradas pela abordagem formalista, voltada para os estudos imanentes da língua, tomando-a enquanto sistema abstrato, homogêneo e estável, não levando em consideração as relações entre linguagem e contexto de uso. Acerca do surgimento das perspectivas funcionalistas, Marcuschi (2008) esclarece que na segunda metade do século XX, um novo paradigma passa a influenciar mais fortemente a ciência da linguagem, uma vez que as teorias formalistas não davam conta de explicar toda a complexidade dos fenômenos linguísticos. Assim, a partir do paradigma funcionalista, o foco dos estudos desloca-se da estrutura autônoma para o contexto interacional, do sistema abstrato para a atividade comunicativa.

Sob o viés funcionalista, novas áreas e novos ramos da Linguística se desenvolveram, modificando e ampliando os objetos de estudo da língua. Entre essas áreas, destaca-se a Linguística de Texto (LT), surgida em meados dos anos de 1960, que amplia o alcance dos estudos linguísticos para buscar dar conta do texto e das situações de comunicação, deixadas de fora pelos estudos estruturalistas e imanentes. Marcuschi (2008, p. 73) afirma que “A LT parte da premissa de que a língua não funciona nem se dá

em unidades isoladas, tais como os fonemas, os morfemas, as palavras ou as frases soltas. Mas sim em unidades de sentido chamadas texto, sejam elas textos orais ou escritos”. Assim, segundo o autor, a motivação inicial da LT foi a certeza de que as teorias linguísticas tradicionais, limitadas ao estudo da frase, não davam conta de alguns fenômenos linguísticos que apareciam no texto.

Esse olhar para além das estruturas formais permitiu a ampliação da noção de língua a partir de diferentes ângulos teóricos. Segundo Marcuschi (2008, p.59), de acordo com as diferentes posições existentes, pode-se ver a língua a) como forma ou estrutura; b) como instrumento de comunicação; c) como atividade cognitiva; d) como atividade sociointerativa situada.

Embora não ignore a existência de formas ou de um sistema linguístico abstrato, a LT parte da perspectiva sociointerativa, na qual a língua é concebida como um conjunto de práticas sociais e cognitivas historicamente situadas. Nessa visão, o texto pode ser entendido, tal qual postula Beaugrande (1997), como “[...] um evento comunicativo em que convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (*apud*. MARCUSCHI, 2008, p. 72)

É nesse contexto de efervescência nos estudos linguísticos e de amadurecimento da LT, que também no Brasil, nas últimas décadas do século XX, um intenso esforço teórico de professores e pesquisadores da área de estudos da linguagem foi empreendido para que o texto e as condições de sua produção fossem tomados como unidade fundamental de análise e de ensino nas aulas de português, redimensionando as concepções de ensino sedimentadas pela tradição escolar, como já é possível observar nas discussões trazidas por Geraldi (1984) na coletânea “O texto na sala de aula”, trabalho de reconhecida relevância e contribuição para o debate acerca do ensino centrado no texto.

Levando-se em conta os expressivos avanços nas pesquisas linguísticas delineadas naquele período, percebeu-se que o ensino fragmentário da gramática não dava conta de formar sujeitos capazes de fazer uso eficaz da língua nas diversas situações de comunicação requeridas nas atividades sociais, desencadeando uma necessidade de mudança no enfoque do ensino de língua no país. Dessa maneira, os documentos oficiais que prescrevem o ensino no Brasil, tais quais os PCNs (BRASIL,

1998), aproximaram-se desta perspectiva, elegendo eixos de ensino cada vez mais voltados às práticas situadas de linguagem, a saber: práticas de uso, nas quais se situam a escuta, a leitura e a produção de textos orais e escritos; e as práticas de reflexão, nas quais se inserem aspectos ligados à análise linguística (ROJO, 2000, pp.29-30). Tais orientações ficam evidentes no seguinte excerto do documento, ao asseverar que

Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos [...] que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto. Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. (BRASIL, 1998, p. 23)

Além das concepções de língua e de texto desenvolvidas ao longo dos anos nos estudos da LT, o estudo dos gêneros, cujas origens remontam à tradição literária, passa a ser revisitado, saindo das fronteiras da literatura e da tradição retórica para a linguística, especialmente nos estudos de perspectivas discursivas (MARCUSCHI, 2008, p. 152).

De acordo com Bezerra (2017), com a elaboração e publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1998, a temática dos gêneros, antes restrita aos meios acadêmicos, tornou-se conhecida e debatida também nos círculos de formação e de trabalho de professores da educação básica, uma vez que a questão do ensino de gêneros, posta em debate pelo documento, levou a uma popularização do termo ainda que nem sempre seja explicitado em sua complexidade. Segundo Rojo e Cordeiro (2004), os PCNs fazem forte apelo ao gênero como objeto de ensino dos eixos do uso da língua materna, sendo a noção de gêneros convocada como instrumento para favorecer o ensino de leitura e produção de textos na escola.

Esclarecendo as principais tendências no tratamento dos gêneros, Marcuschi (2008, pp. 152-153) apresenta algumas perspectivas teóricas em curso no Brasil, das quais destacamos: a perspectiva sócio-histórica e dialógica (Bakhtin); e a perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada

para língua materna (Bronckart, Dolz, Schneuwly, influências de Bakhtin e Vygotsky). A partir desta visão, pode-se afirmar que

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155)

Destacamos estas correntes teóricas por estarem mais evidentes nos documentos oficiais prescritores do ensino no país, e conseqüentemente nos livros didáticos adotados nas escolas, conforme veremos nas seções a seguir. Estas vertentes teóricas que ecoaram fortemente nos PCNs em 1998, permanecem presentes em importância considerável na BNCC de 2018, em que se reforçam as situações de produção e de circulação de textos mais do que as propriedades formais e regras estruturais no ensino da língua portuguesa

Da BNCC para o livro didático de ensino médio: quais os objetos a ensinar?

Nesta seção, pretende-se descrever e analisar a obra didática de Língua Portuguesa “Se liga nas linguagens” de autoria de Wilton Ormundo e Cristiane Siniscalchi (2020), aprovada pelo PNL 2021, volume único destinado ao Ensino Médio. Na análise pretendida, objetiva-se levantar as concepções de texto e gêneros discursivos/textuais confessadas no Manual do professor, cotejando-as às prescrições de ensino na BNCC.

O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD 2021) sofreu diversas alterações em sua última edição, com o fim de atender às exigências do Novo Ensino Médio e às orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que definem as competências gerais e específicas das áreas e dos componentes curriculares a serem desenvolvidas pelos estudantes neste ciclo da educação básica. No que tange ao ensino de Língua Portuguesa, a BNCC insere este ensino na grande área de conhecimento “Linguagens e suas Tecnologias”, da qual fazem parte também os componentes Artes, Educação Física e Língua Inglesa.

Nesta edição do PNLD, a obra específica de Língua Portuguesa deveria ser organizada em volume único de modo a atender as três séries do Ensino Médio, dando conta de duas frentes principais: Literatura e Análise linguística/Semiótica, estando vinculada a uma coleção de seis volumes correspondentes à área de Linguagens e suas Tecnologias. Nestes volumes da área, inserem-se atividades interdisciplinares em torno de gêneros discursivos/textuais diversos, articulados aos temas transversais sugeridos nas unidades didáticas.

Nossa análise neste artigo, recai sobre o Manual ou Suplemento do Professor do volume único da coleção “Se liga nas linguagens”, no qual se explicitam, além da visão de ensino dos autores, as concepções de língua, de texto e de gêneros assumidas na obra didática.

Figura 1: Capa da obra didática Se liga nas linguagens, Volume Único.



Fonte: Material de divulgação PNLD 2021

A primeira seção do suplemento do professor intitulada “Este livro e o ensino-aprendizagem de língua portuguesa” trata dos princípios norteadores da BNCC, concepção de linguagem adotada pelos autores, concepções de leitor e leitura, além de considerações sobre o ensino de literatura e análise linguística/semiótica. Inicialmente os autores situam a concepção de linguagem que permeia a BNCC lembrando o que afirma o documento em

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita),

corporal, visual, sonora e contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos. (BRASIL, 2018, p. 73)

Este excerto da BNCC reflete uma perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, fortemente inspirada em princípios bakhtinianos, visão também assumida pelos autores quando reiteram: “Nesta perspectiva, com a qual dialogamos como professores e como autores, a interação é o princípio constitutivo da linguagem” (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, p. VI).

Ainda nesta seção do manual, os autores apresentam reflexões a partir da obra de Soares (1988), discutindo as diferentes concepções de língua que orientaram os estudos linguísticos desde os anos de 1960, em que se privilegiava o entendimento das estruturas linguísticas e as regras da gramática, até a assunção de uma visão da língua como enunciação e discurso, em meados dos anos de 1980, que passou a influenciar a produção de livros didáticos e programas de ensino tomando-se texto como ponto de partida e de chegada.

Para os autores, esta fundamentação se articula à teoria dos gêneros proposta por Bakhtin e a releituras feitas por outros teóricos da LT, citando como exemplo as obras de Marcuschi (2008) e de Koch e Elias (2009) enquanto referências basilares para a obra didática, quando assumem a compreensão da linguagem como interação oriunda da perspectiva enunciativo-discursiva, que também fundamenta a BNCC.

Outro aspecto importante da teoria bakhtiniana levantado pela BNCC e apontado pelos autores no LD é a noção dos campos de atuação, que neste documento surgem como eixos organizadores do currículo. Para esclarecer esta noção, lembramos que, no ensaio intitulado “Os gêneros do discurso”, um adendo à obra *Estética da criação verbal* (1979), Bakhtin defende que o emprego da língua não se dá por frases ou palavras isoladas, mas efetua-se em forma de enunciados, sob formas relativamente estáveis de enunciados, elaborados dentro de diferentes campos de utilização da língua.

Sob o ponto de vista bakhtiniano, é possível afirmar que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua que se efetiva através de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma ou de outra esfera da atividade humana (BAKHTIN, 2003, p.279). Dessa maneira, embora não se deem

conta disso, os sujeitos possuem um infindável repertório de gêneros, dos quais lança mão para satisfazer às suas necessidades nas situações comunicativas diversas. É imprescindível lembrar que para Bakhtin (2003), a unidade da comunicação discursiva é o enunciado, que não se produz alheio às esferas de ação humanas. Isto quer dizer que cada enunciado é determinado pelas condições específicas e pelas finalidades de cada uma dessas esferas que constituem domínios da atividade humana, tais como, a jornalística, a religiosa, a artística, a científica.

Tal fundamentação teórica se articula com a proposta didática elaborada pelos autores e dialoga fortemente com as orientações curriculares vigentes, conforme explicitam os autores:

Na BNCC, relembramos, os eixos de integração propostos para o Ensino Médio são exatamente as mesmas práticas de linguagem adotadas para o Ensino Fundamental, ou seja, “leitura”, “produção de textos”, “oralidade (escuta e produção oral)” e “análise linguística/semiótica”, vinculadas a campos de atuação: “campo da vida pessoal” [...] “campo artístico-literário”, “campo das práticas de estudo e pesquisa”, “campo jornalístico/midiático” e “campo de atuação na vida pública”. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, p. VI)

Essa base teórica é ampliada mais à frente no Manual do Professor, ao se articularem a visão de língua assumida às concepções de texto e gêneros discursivos/textuais como objetos de ensino. Para isso, ao discutirem sua visão de “leitor/leitura” em uma das seções do suplemento analisado, os autores citam pesquisadores da didática das línguas como Dolz, Noverraz e Schneuwly, representantes da perspectiva socioconstrutivista da Escola de Genebra e pelo interacionismo sociodiscursivo de Bronckart.

O que está no texto e o que constitui o saber prévio do leitor se completam nesse jogo de (re)construção do sentido. Na mesma linha, Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) apontam que o leitor que tem conhecimento do objetivo da leitura, do autor, do gênero do texto e do suporte em que ele se encontra consegue antecipar o conteúdo e, conseqüentemente, construir de forma mais efetiva os sentidos do texto. Por fim, em consonância com Rojo, Cafiero (2010) nos lembra que os textos são marcados pelo momento histórico em que são escritos, pela cultura que os gerou; por isso, ter acesso a essas informações no momento da leitura ajuda-nos a compreendê-los. (ORMUNDO; SINISCALCHI, 2020, p. IX, grifos nossos)

Nesse trecho, mais uma vez os autores reiteram a concepção de texto e de linguagem que anunciam desde a primeira seção do manual, compreendendo a linguagem “como espaço de construção de sentidos, no jogo de interação entre sujeitos” e concebendo o texto como artefato histórico e cultural. Além disso, no trecho em destaque, observa-se a articulação de tais concepções à necessidade de reconhecimento dos gêneros para o desenvolvimento das competências de leitura dos estudantes. Neste sentido, as orientações da BNCC esclarecem a preocupação em se tomar os gêneros enquanto objeto de análise e ensino, pois, de acordo com o documento

Em comparação com o Ensino Fundamental, a BNCC de Língua Portuguesa para o Ensino Médio define a progressão das aprendizagens e habilidades levando em conta[...] a consolidação do domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais já contemplados anteriormente e a ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão. (BRASIL, 2018, p. 491)

Evidencia-se deste modo, nas prescrições para o ensino da Língua Portuguesa, a preocupação em se tomarem os gêneros como objetos de ensino, consolidando aqueles já vistos no Ensino Fundamental e ampliando o repertório dos estudantes a partir do estudo de gêneros cada vez mais complexos.

Outras divisões do suplemento do professor estão dedicadas à discussão do ensino de literatura, da análise linguística/semiótica e da oralidade. Há ainda uma seção que se dedica ao “Universo e gêneros digitais” em que os autores esclarecem o destaque dado pela BNCC ao universo digital e à necessidade de atuação dos sujeitos nos contextos das culturas digitais. Embora sejam parte importante do material de orientações didáticas e contenham informações e discussões relevantes para o trabalho docente, estas seções não se constituem objetos de nossa análise em virtude dos limites deste artigo.

Considerações finais

Este artigo, enquanto exercício reflexivo, buscou identificar concepções de língua, texto e gêneros discursivos/textuais no manual do professor da obra “Se liga nas linguagens” para o Ensino Médio, cotejando-as às prescrições do atual documento

norteador dos currículos no Brasil, a Base Nacional Comum Curricular referente a esta etapa de ensino.

As breves análises aqui empreendidas demonstraram que, assim como os documentos que a precederam, a BNCC é inspirada principalmente pela visão enunciativo-discursiva de língua e linguagem (Bakhtin), influenciando diretamente a proposição dos materiais didáticos, nos quais reverberam tal visão de língua, dialogando com uma perspectiva sociointeracionista de ensino.

Neste trabalho, evidenciamos também que, tanto os documentos prescritores do ensino como o material didático em foco, levam em consideração os estudos desenvolvidos pela Linguística de Texto ao longo dos anos, ao tomarem o texto como ponto de partida e de chegada, considerando-o em suas dimensões linguística, histórica e cultural. Conforme explicitado nas análises, as noções de gêneros discursivos/textuais aparecem no manual articuladas à concepção de linguagem, sendo convocados como objetos de ensino essenciais para o desenvolvimento das competências de leitura e de escrita pelos estudantes, assim como a BNCC que elege os gêneros como articuladores das práticas de linguagem a serem trabalhadas no Ensino Médio.

Referências

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARBOSA, J. P. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis? In: ROJO, R. (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. Campinas-SP: Mercado de letras, 2000.

BEZERRA, B. G. *Gêneros no contexto brasileiro: questões (meta)teóricas e conceituais*. São Paulo: Parábola editorial, 2017.

BEZERRA, M. A. Ensino de língua portuguesa e contextos teórico-metodológicos. In: DIONÍSIO, A. P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola editorial, 2010. p. 39-50.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Homologada. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/historico/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site_110518.pdf Acesso em 20 jun. 2022.

GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula*. Cascavel: Assoeste, 1984.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 3 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola editorial, 2010, p. 19-38.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

ORMUNDO, W; SINISCALCHI, C. *Se liga nas linguagens*. São Paulo: Moderna, 2020.

ROJO, R. (Org.) *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCN's*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

_____. Gêneros do discurso e gêneros textuais: questões teóricas e aplicadas. In: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola editorial, 2005, p. 184-207.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modo de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de letras, 2004.